

**1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS**  
SOCIEDADE, CONHECIMENTO E POLÍTICA

**Migrações Sazonais de Seareiros Produtores de Melão.**  
**Das Vidas: entre a Casa e a Barraca**

**José Joaquim Garrucho Martins**

Instituto Piaget, Almada

A partir dos anos 60 até meados dos anos70, durante os meses de Março e Abril, alguns trabalhadores rurais e pequenos proprietários agrícolas tornam-se rendeiros sazonais nos chamados campos de Vila Franca de Xira. Arrendam pequenas parcelas de terra (entre um e dois hectares) a médios e grandes rendeiros da Companhia das Lezírias. A média da área arrendada é considerada como a extensão óptima tendo em conta os custos de produção, a renda, o capital e o volume da força de trabalho do grupo doméstico, existindo uma relação directa entre a área da exploração e o número de membros do grupo doméstico.

Os rendeiros directos subarrendam terrenos onde anteriormente cultivavam cereais, tentando substituir os lucros incertos da produção cerealífera pelo rendimento garantido da renda. A situação de subarrendamento permite-lhes saldar a renda ao proprietário e ter ganhos sem qualquer tipo de riscos.

Para se deslocarem, os seareiros alugam uma camioneta que transporta a “tralha”: uma habitação composta por placas de madeira e coberturas de zinco, vários objectos domésticos considerados essenciais para as necessidades mais perenes das rotinas diárias, os instrumentos e os produtos agrícolas.

Trabalhadores rurais e pequenos proprietários agrícolas, durante seis meses, serão seareiros. A saída do concelho onde vivem o resto do ano, está condicionada pelas condições climatéricas, sendo necessário esperar que termine a época das chuvas e que o sol da Primavera faça a sua aparição.

São as condições do clima que determinam o começo das sementeiras. O solo arável deve ter a humidade suficiente, nem muito húmido nem demasiado seco, calor por cima e humidade por baixo como condições óptimas raramente presentes. É preferível, no entanto, encontrar a terra seca que se pode sempre regar, a ter o solo

demasiado húmido. Necessitar regar antes de semear implica contudo gastos económicos e de tempo que seria preferível evitar.

A sementeira começa, geralmente, num fim de semana ou no período das férias escolares da Páscoa com o objectivo de aproveitar a mão de obra dos filhos em processo de escolarização, evitando recorrer a qualquer força de trabalho exterior. Esporadicamente poderá surgir a necessidade de recorrer ao trabalho dos vizinhos, através dum sistema de ajuda mútua ou, em último caso, a assalariados.

As tarefas são realizadas pelo homem, mulher e filhos na observância duma definição/ divisão sexual e etária do trabalho.

O homem é o responsável pelas decisões e a mulher e os filhos são os executantes. A mulher pode ser consultada mas, sobretudo, para reforço da opinião do marido a quem cabe em termos derradeiros a decisão. As crianças colocam as sementes na terra enquanto a mulher e o homem realizam a maioria das outras tarefas que se consideram como mais importantes para o sucesso do empreendimento (Calcular, por exemplo, a quantidade de terra a colocar em cima das sementes).

Após a sementeira, a atenção concentra-se na germinação, destapando-se as sementes para ver a sua cor e força e despistar a eventual presença de predadores. A cor da germinação informa sobre o grau de humidade do solo e pode indiciar a necessidade de utilização de mais adubo.

Nascidas as plantas, a tarefa seguinte é a do “desbaste” imprescindível à selecção das plantas: só se deixam desenvolver duas ou três plantas, sendo preferível poucas e fortes a muitas e fracas. Quase em simultâneo procede-se à “arrematação” que é a fase de substituição das sementes que não nasceram.

Todo o processo de produção do melão é acompanhado por uma mitificação e mistificação dum saber prático que, sendo produto da experiência do seareiro e do saber transmitido pelos seus antecessores, se apresenta como algo quase mágico e que exclui, em certos aspectos que não os mesmos, as mulheres, as crianças e todos os que não têm o mesmo tipo de relação com a terra. Sob a alçada deste saber, a produção do melão exige uma atenção continuada aos imprevistos, aos que podem ser contrariados pela experiência e aos outros que não se controlam e que dependem da sorte, apesar de poderem objectivar-se (como sejam as condições climatéricas). O desafio é ousar antecipar e controlar o que está para além deste saber prático e integrá-lo. Esta integração cria um referencial que nos permite entender melhor algumas características de ritualização que acompanha o processo produtivo, repetitivo quanto a procedimentos que muitas vezes não patenteiam sequer uma

relação causa – efeito mas que domina pela crença que desenvolve sobre a sua eficácia. A utilização de procedimentos ritualizados parece responder como uma forma de conhecimento prático às insuficiências doutro tipo de conhecimento, controlando a imprevisibilidade mas dificultando a procura das inovações<sup>1</sup>.

As tarefas dos filhos vão-se diferenciando com a idade e seguem a divisão sexual do trabalho, como já se afirmou. Os rapazes adolescentes acompanham o pai nas tarefas que exigem maior força física enquanto as raparigas dividem com as mães as tarefas agrícolas e domésticas de modo a que os rapazes possam vir a ser seareiros e as raparigas mulheres de outros seareiros sem vergonha e com honra para o pai e mãe.

A procura da economia de custos, económicos propriamente ditos e de tempo, está sempre presente. O seareiro está constantemente atento aos custos directos e indirectos, tentando reduzi-los ao estritamente necessário, no que afirma uma postura ética e moral crítica em relação a todas as formas de esbanjamento que sejam consideradas como não produtivas. Orientação predominante em toda a acção social. O esbanjamento só é tolerado quando é limitado pela regulação social das práticas em que se joga o bom nome da família e se luta pelo prestígio. Por exemplo, em gastos cerimoniais como o casamento dos filhos, alguns excessos nos gastos são mesmo publicitados como forma de distinção em relação aos indivíduos do mesmo grupo.

Nesta mesma lógica, os ganhos com as searas destinam-se prioritariamente à compra dum terreno para a construção de casa própria, à poupança para a velhice e para responder a situações de doença e para o casamento dos filhos. Saliente-se que nesta economia, a festa de noivado e as ajudas para a casa dos noivos são repartidas entre os pais dum e doutro conjugue. O casamento dos filhos é dado pelo merecimento que advém do trabalho prestado por eles e em nome do sacrifício que é exigido a todo o grupo doméstico. Os pais trabalham para os filhos, para o seu casamento e para que possam, como herdeiros, ter uma vida melhor, não esquecendo que na velhice os filhos devem cuidar dos seus progenitores.

Mas o seareiro não transfere apenas bens materiais, tenta transmitir aos seus herdeiros as suas visões do mundo social, as suas formas de entender, perceber e avaliar os diferentes aspectos da vida. A vida exige sacrifícios, esforço e trabalho que é uma necessidade tornada virtude por aqueles que têm como maior virtude o facto de serem e de se mostrarem como trabalhadores. Ser trabalhador como os seus progenitores, faculta um reconhecimento social que é um crédito para o futuro. No

---

<sup>1</sup> “Garrucho Martins, 1997”.

quadro desta pedagogia em que são desde cedo iniciados, aos filhos adolescentes é, desde logo, reservada uma pequena parcela de terreno da exploração familiar para que comecem a aprender a responsabilidade e a autonomia. Autonomia que na verdade é limitada porquanto o progenitor toma as decisões mais importantes e paga os custos de produção, retirando para si, portanto, os ganhos, ao mesmo tempo que pretende com isso evitar que algum egoísmo aflore e faça esquecer a sobrevalência do colectivo sobre o benefício individual. Os interesses colectivos da família sobrepõem-se aos interesses particulares dos seus membros e exigem solidariedades e cumplicidades indiscutíveis. O pai ensina ao filho os “segredos” do cultivo do melão que são escondidos dos outros que não pertencem ao seu grupo doméstico.

Chegados aos campos e construída a “barraca”, começam os preparativos para a sementeira. Ultima-se a preparação do solo de modo a facilitar o cultivo, nomeadamente destroem-se os “torrões”, preparam-se os adubos naturais que exigem um saber prático ciosamente guardado e vedado pelo segredo aos outros seareiros, e faz-se a adubação geral (adução de todo o solo antes de semear) quando se opta por ela. Faz-se ainda a preparação da germinação das sementes antes de as lançar à terra, visando acelerar o ciclo vegetativo.

No seu mapa de solo disponível, o seareiro aproveita ao máximo a terra cultivável, havendo a considerar um espaço que não se destinará ao cultivo exclusivo do melão por ser imprescindível para semear produtos que não se destinam prioritariamente ao mercado mas têm como finalidade a resolução das necessidades alimentares, directas ou indirectas, do grupo. É o caso da produção de tomate, grão, feijão, couves, nabos, girassol e milho. Estes produtos servem para a alimentação da família e dos animais domésticos como as galinhas, o porco, os coelhos e os patos, entre outros. Nesta gestão procura-se uma situação próxima da auto-suficiência, o mesmo acontecendo em relação às necessidades de trabalho.

A força de trabalho reside, de base, na família, explorada e rentabilizada aos seus potenciais máximos, embora só o trabalho do homem e da mulher seja contabilizado como custo de produção. A contabilidade informal e difusa dos gastos com a força de trabalho tem como medida de comparação os salários dos trabalhadores rurais das vinhas, não tendo em atenção as diferenças entre o trabalho assalariado com horário fixo e o trabalho por conta própria com horários flexíveis durante um maior período de tempo diário. Trabalhar por conta de outrem não é o mesmo que trabalhar para si próprio uma vez que os sacrifícios exigidos não são justificados quando se trabalha para um patrão. O horário de trabalho é variável.

Nalgumas alturas do ciclo vegetativo pode começar pelas seis ou seis e meia da manhã, com a claridade mínima do dia, terminando pelas nove ou nove e meia da noite. Quando é necessário, contudo, o horário pode ser estendido por mais algumas horas, trabalhando-se à luz de lanternas ou candeeiros a gás. Noutras ocasiões, o horário é encurtado, havendo sempre alguns dias de paragem por as tarefas terem sido realizadas ou por alguma chuvada mais forte não permitir a concretização das tarefas planeadas.

Aproveitam-se então esses momentos para cavaquear com os vizinhos que é uma ocupação essencialmente de homens, enquanto as mulheres lavam a roupa acumulada durante vários dias. As mudas de roupa não são frequentes; troca-se poucas vezes de roupa e considera-se uma inconsistência vestir com regularidade roupa lavada quando se tem de a sujar de novo, a trabalhar. Andar com roupa limpa é sinal de que não se trabalha ou não se gosta de trabalhar, indiciando uma fraca predisposição para o trabalho. Neste tempo morto semeiam-se e colhem-se ainda os outros produtos da exploração que visam a subsistência alimentar.

Sob o enquadramento deste saber prático rico pela abrangência e pela diversidade é pertinente saber valorizar a oportunidade da intervenção bem como saber “deixar andar”. Na produção do melão, é tão importante saber quando a seara depende da intervenção humana como saber quando depende só dela própria, ou seja, de factores não controláveis pelo saber prático do seareiro. A atenção ao desenvolvimento do ciclo vegetativo pode levar à necessidade duma intervenção como regar ou adubar, ou adubar e regar, ou “curar”, quando as plantas já estão maiores (modo de dizer que, de certa forma, estão doentes ou podem vir a estar e por isso se torna urgente uma acção preventiva ou terapêutica).

A florestação é uma das fases fulcrais na observação aturada do seareiro, podendo através dela antecipar o nível de produção do seu investimento.

A florestação indicia e antecipa as características futuras da seara, o aparecimento dos melões. O seareiro não descarta que uma florestação densa pode sinalizar a existência de “vício” nas plantas; as plantas muito “viçosas” são, regra geral, pouco produtivas/ fracas reprodutoras. E reencontramos aqui um elemento sempre presente, de diferentes modos é certo, na actividade agrícola da produção do melão: a moralização das práticas agrícolas. Existem analogias que, num movimento circular, sexua as relações sociais e socializam o sexual, moralizando-o. O cultivo das plantas exige atenções análogas às que se devem ter com as crianças e com as mulheres, um trabalho pedagógico que não deve descuidar a utilização dalguma

violência. Assim como no caso dum criança ou mulher que se recusam a cumprir o que lhe é prescrito se justifica a utilização dos castigos (o não cumprimento pela criança ou mulher daquilo que delas é esperado tem como causa a existência dalguma forma de laxismo por parte do homem), uma planta demasiado “viçosa” exige também uma forma de intervenção que a endireite, como faltar-lhe com a água.

Mas se o “vício” e a escassez são males a corrigir, o excesso deve ser igualmente controlado. Daí que na sequência das tarefas de que a seara é alvo se siga o “desbaste”. Este serve para retirar à planta os frutos defeituosos e os que nela se encontram em demasia. A planta “mãe” não pode sustentar muitos “filhos” nem descendência “torta” e “raquítica”. Os melões muito pequenos e imperfeitos não têm procura.

Até à apanha do melão rega-se, aduba-se, utilizam-se pesticidas e outros produtos para as “curas”.

A apanha do melão coincide com as férias escolares estivais e também ela tem subjacente a divisão sexual e etária do trabalho. O homem que durante grande parte do ciclo vegetativo controlou e decidiu os destinos da exploração, chama a si a tarefa da apanha. Reafirma a experiência que é um misto de empirismo e de uma sensibilidade muito fina e susceptível a pequenos sinais que permitem distinguir o “pepino” (melão verde) do melão, designadamente através do peso do fruto, do toque (que diferencia o melão da abóbora), da cor da “cama” (o lado do fruto em contacto com o solo), da cor da planta (a planta demasiado viçosa não alimenta o fruto), etc..

O melão maduro é pesado e o seu toque não produz um eco grave, característico do melão que não está “cheio”; a parte do fruto que está em contacto com o solo apresenta uma cor com diversos cambiantes de amarelo, manifestando uma planta sem “vício” que toma o aspecto de que já cumpriu a sua obrigação. Do conjunto destes sinais se infere se o melão está em condições de ser colhido. Este saber masculino, na apanha, é patenteado como algo que não se deve contestar, mesmo quando objectivamente se lhe podem apontar falhas óbvias. Face à identificação de algum “pepino” pelos compradores, por exemplo, o produtor confrontado responde quase sempre com dois tipos de argumentos. Ou afirma existir alguma arbitrariedade na distinção entre “pepino” e melão, o que lhe permite negar que seja certo que aquele fruto seja realmente “pepino”, ou aceita que se trate efectivamente de um “pepino” que, como tal, só pode ter sido apanhado pela mulher ou pelas crianças que não sabem distinguir melão de “pepino”. De todo o modo, o seu

saber permanece incólume: responsabiliza a mulher e os filhos e não aceita o facto objectivo dos sinais ou o seu juízo sobre eles poderem conduzir ao erro.

Ainda a respeito da apanha, as mulheres e as crianças colocam os melões em pequenos montes de onde serão retirados para junto da “barraca”. O transporte do melão é feito por animais, jumentos e mulas, alugados propositadamente para esta tarefa. O aluguer de animais para um período muito limitado, evita os custos da sua manutenção para o resto do ano em que não teriam qualquer utilização, preocupação sempre presente, como vimos reafirmando. De tal forma que as coisas que se valorizam como boas para a casa são aquelas que lhe são úteis ou pelo menos não são desnecessariamente dispendiosas. Esta concepção de utilidade aplica-se a projectos, ao esforço/ trabalho, a coisas e a animais, podendo equacionar-se do seguinte modo:

- “Que vantagens em termos pessoais e de grupo retiro desta acção sabendo que as escolhas individuais deverão respeitar os interesses do grupo doméstico?
- “Para que serve isto” (a questão da funcionalidade)?
- “Para que quero um animal”?

O mercado merece uma atenção especial porquanto marca o espaço onde se realiza por excelência a avaliação/ valorização efectiva de um produto que corporiza um investimento. É neste espaço social que se realizam os interesses do seareiro. Por outro lado, o seareiro concorre com outros seareiros na tentativa de colocar todo o seu produto no mercado a um preço satisfatório.

Tenta, antes de mais, antecipar-se aos outros na apanha com o objectivo de conseguir que a oferta do produto seja inferior à procura, o que permite vender o quilo do melão a um preço mais elevado, contando com o abaixamento significativo dos preços a partir do momento em que aumenta a oferta. Ao conseguir preços mais elevados num momento em que o mercado lhe é favorável poderá, se necessário, baixar os preços em relação aos concorrentes nos períodos mais difíceis. Desde que consiga um preço médio razoável, os efeitos das flutuações do mercado são diminuídos. Esta estratégia nem sempre exequível deve contudo obedecer a uma ética nas relações com o mercado que respeite as relações com os vizinhos. Considera-se como imoralidade, por exemplo, apanhar melão verde (“pepino”) com o objectivo de obter ganhos momentâneos que irão dificultar os ganhos futuros de todos os outros seareiros, devido a provocar uma diminuição da procura por perda de confiança na qualidade do produto. Os ganhos de uns não devem ser conseguidos à custa dos

prejuízos dos outros. Um pouco arbitrariamente se considera que não existem prejuízos se a produção se aproximar dos dois quilos por “cova” (planta) – afirmação justificada por estimativa que leva em conta a produção e os preços dos anos anteriores. Não existindo preço fixo do melão, o produtor e o comprador que regra geral não é o consumidor directo mas o intermediário, negociam o preço. E negocia-se em função da situação do mercado, ou seja da relação entre a oferta e a procura. Embora negociar o preço implique uma vertente teatral na postura do produtor que procura convencer o comprador da excelência do seu produto até no gesto aparentemente simples de abrir um melão e de o dar a provar. Implicitamente pretende que nesse gesto se tome a exposição da sua experiência de conhecedor e que se produza uma relação de confiança inquestionável. É o recurso à manha e à astúcia que recobrem a afirmação de que o seu melão tem uma procura superior ao dos vizinhos já que, independentemente do preço pedido, estará sempre vendido, tal é o reconhecimento do seu saber. É uma finta acompanhada pelo olhar atento às reacções do comprador. É mesmo capaz de encenar posturas morais e jurar que não vende, disposto porém, sempre que lhe é conveniente, a dar o dito pelo não dito.

O preço do melão varia também consoante a quantidade que o comprador pretende adquirir; em pouca quantidade, o preço é mais elevado e o investimento na negociação é mais reduzido.

As flutuações do mercado são muito frequentes e negativas, podendo ter diversas causas, desde o rápido aumento da oferta à concorrência com outras frutas da época ou até às mudanças climáticas que não se tornam propícias ao consumo do melão, e provocar incertezas em relação aos resultados da exploração.

Uma das formas utilizadas para orientar o mercado e evitar a imprevisibilidade é o contrato verbal com um ou mais compradores que se comprometem a adquirirem toda a produção a um preço fixo por quilo. Mas o estabelecimento do contrato nem sempre é fácil pois assenta em expectativas divergentes: o produtor antecipa o que pensa poder ser o comportamento de diversas variáveis que influenciam o mercado enquanto o comprador encontra vantagens e inconvenientes que levam a que uma sua decisão implique sempre riscos. Para o comprador este tipo de contrato é vantajoso em períodos de escassez do produto e permite ter a certeza de encontrar uma oferta sempre disponível mas pode ser ruinoso se o preço do melão no mercado descer muito abaixo do preço acordado em contrato ou se a qualidade do produto não corresponder ao que estava previsto.



O contrato verbal radica na boa fé dos parceiros, na palavra das partes que poderá ser mantida ou defraudada, por isso implicando uma cautela, o chamado sinal de comprometimento com a palavra em que o seareiro exige do comprador uma quantia monetária que se diz simbólica, algo que simultaneamente substitui e reforça a palavra, significativa do ponto de vista económico e relacional. Este contrato é uma garantia para o produtor e uma obrigação para o comprador que muitas vezes o tem de honrar independentemente da baixa abrupta do preço do melão no mercado. Em situações destas e no limite, resta-lhe a quebra do acordo com a perda da quantia sinalizada ou a renegociação que raramente é aceite, por isso conduzindo, não raras vezes, à agressão verbal e física.

Depois da produção vendida, fica o “refugo” que é um melão de inferior qualidade e mais tardio, aproveitado para a alimentação dos animais e para retirar algumas sementes para o próximo ano. Este é dificilmente vendável para a alimentação humana e, aproveitando-se como melão para semente, evita-se a aquisição de sementes no mercado cujo preço atinge algumas centenas de escudos por quilo, variável consoante o custo da quantidade de melão necessária para conseguir um quilo de semente. Mas a selecção e recolha de semente para o próximo ano, sendo importante porque viabiliza um controlo da qualidade, não se pode confinar ao aproveitamento do “refugo”. O melão de “refugo” que é de inferior qualidade tem aspectos negativos não negligenciáveis, podendo transmitir estas características à próxima geração. É por isso que se escolhem bons melões que não se venderam por terem pequenas lesões ou defeitos menores que não se relacionam com o apuramento de uma qualidade ou espécie.

A venda dos últimos melões e de algum do “refugo” fecha o ciclo da migração.

O seareiro aluga novamente uma camioneta para voltar a casa, deixando a “barraca” como casa temporária e voltando a casa até à próxima temporada.

O fim da seara de melão coincide com o começo das vindimas em que retoma a pele/ o seu estatuto de trabalhador rural ou pequeno agricultor. É a altura de fazer as contas que permitem saber se os sacrifícios valeram a pena. Não se conhece uma contabilidade formal que permita avaliar todos os custos e calcular com rigor os lucros, afirmando-se como saldo positivo o facto de “não se ter perdido dinheiro”, ou melhor, que os custos de produção tenham sido pagos pela seara. Custos de produção que são compostos pelos custos com a mão de obra do homem e da mulher (aquilatados com base nos horários e nos salários dos trabalhadores rurais das vinhas) e dalguma força de trabalho assalariada; e ainda pela renda fundiária que é uma parcela de peso

nos custos, os adubos, tal como gastos com os pesticidas, o combustível para as regas, etc.. Lembremos que até meados dos anos 70 a intervenção percentual dos factores de produção nos custos distribuía-se desigualmente, pesando a renda que constituía a maior fatia, seguida pelo trabalho e pelo capital.

Este fresco da vida do “antigo” seareiro não estaria completo se não nos detivéssemos a analisar alguns aspectos do dia a dia na “barraca” e no trabalho dos meloeiros, como uma forma de vida com as suas particularidades.

A família erguia-se cedo para dar curso às tarefas que se iniciam muitas vezes sem se tomar qualquer refeição; quando tem lugar, serve para desjejuar. A meio da manhã faz-se uma refeição rápida a que se dá o nome de “petisco” e que é composta por ingredientes considerados muito nutritivos e de cuja ingestão depende a força física necessária ao trabalho agrícola. É valorizado por isso o consumo de carnes e gorduras que pressupõe, pela sua incorporação, a assunção das suas qualidades características. Os gostos alimentares dos seareiros são ditados pela necessidade e pela economia, e circunscrevem-se preferencialmente aos alimentos produzidos pelo grupo doméstico como as batatas, as couves, os feijões, os nabos e as carnes de porco, coelho, pato e galinha; a vaca tem de se comprar. Também se consome algum peixe como o bacalhau, a sardinha e o carapau, entre outros, mas não se privilegia. Prefere-se comida para ficar “cheio” e ganhar “peito”, o que acontece em relação à carne, responsável primeira pela força física e psicológica e pela virilidade. A carne de vaca é tida como altamente nutritiva quando é de vaca adulta, carne dura e com gordura amarelada.

As ementas são pouco variáveis, durante a semana como aos Domingos. No entanto é aos Domingos, quando as tarefas o permitem, que se come melhor. É frequente uma refeição de galinha que é uma carne ambígua, para doentes e crianças e para dias de festa ou para quem não necessita de trabalhar.

Comer bem significa ingerir muitos alimentos nutritivos onde o vinho não deve faltar como um alimento imprescindível numa cultura de homens. Não ter apetite é sinal de fraqueza e doença que se tolera mais facilmente nas mulheres e nas crianças do que nos homens (“Quem não é para comer não é para trabalhar mas também não é para fornicar”).

No decurso dos dias de trabalho, o almoço que é por volta das duas horas da tarde e é uma refeição cuja importância varia consoante o tempo que se lhe pode dedicar.

O trabalho é retomado imediatamente a seguir às refeições.

A meio da tarde, sem se perder muito tempo na refeição, toma-se mais algum alimento que vai ser o penúltimo do dia.

A última refeição começa a ser preparada a partir da hora em que terminaram as tarefas agrícolas e as mulheres podem assim dedicar-se à sua confecção.

Os homens, durante a confecção das refeições, cuidam da pequena horta e recebem ou visitam vizinhos, ouvem na rádio os noticiários, os resultados do futebol e do ciclismo, e, com especial atenção, o boletim meteorológico. Como condicionante que não pode desprezar na actividade agrícola, o “tempo” (climatérico) é uma variável cujo comportamento o seareiro deve dominar, desenvolvendo para o efeito um conhecimento prático e uma sensibilidade extraordinária às mudanças climáticas que ousa predizer. Sabe ler o significado da direcção e da temperatura do ar, do voo das aves, das formas e das tonalidades das nuvens, da cor do pôr do sol e do comportamento dos seus animais... Faz recurso a alguns dos ditados populares sobre o tempo...

No convívio entre os homens domina a conversa sobre as searas e as coisas dos homens, universo restritivo.

Mais dadas a outras preocupações, as mulheres vão ouvindo, para além do boletim meteorológico, os folhetins radiofónicos que os maridos julgam ser histórias que enfraquecem ainda mais as cabeças já fracas das mulheres; elas que, por natureza, são física e psicologicamente<sup>2</sup> mais fracas.

Nesta coabitação e confronto de mundos, os homens acusam as mulheres de os tentarem afastar dos outros homens e da cultura que lhes é própria, uma cultura de homens, e apontam os homens impotentes na sua afirmação perante elas. O homem que “ não sai debaixo das saias da mulher” para conviver com os outros, comporta-se como uma mulher e dá a entender que em casa é ela que manda, é ela que veste as calças. As próprias mulheres estão atentas à possibilidade desta crítica recair sobre o seu homem, contribuindo para a reprodução das diferenças quando recordam ao marido as suas obrigações de convivialidade. Dizer ou dar a entender a uma mulher que o seu homem é mandado por ela é uma ofensa, é o mesmo que dizer que ela não é uma mulher como as outras, não é uma mulher como deve ser e a sua família vive à margem da regra.

A refeição nocturna, tomada com mais tempo e mais ritualizada, é servida no respeito pela estrutura de autoridade da família; cabe à mulher servir a refeição ao

---

<sup>2</sup> “Garrucho Martins, 1997”

marido, depois aos filhos e só em último lugar a si própria. Primeiro é esposa, a seguir mãe e por fim mulher. O marido é/ assegura o sustento da casa e os filhos estão em crescimento. Esta ordem social implícita não se compadece com desvios e obriga a uma atenção continuada por parte da mulher que no caso de descuido se sujeita às críticas do marido. Também a sua relação com o filhos é vigiada, podendo ser responsabilizada pela virilidade do rapaz e pela vergonha da rapariga. Não é este o momento para demonstrar todos os modos de conflitualidade e de cumplicidades que se orquestram no interior da família, com uma diversidade de arranjos e rearranjos nas relações entre os seus membros. A família gere uma complexa economia afectiva e emocional em que as seduções mútuas têm um papel importante.

Finalmente chega a hora de repor as energias, a hora de dormir na “barraca” em que os espaços, por serem exíguos, estão bem delimitados.

Demarca-se o sítio do fogão a gaz e da “salgadeira”, o da mesa das refeições e o das camas, uma do casal e outra mais pequena para os filhos. Quando os filhos são dois e do mesmo sexo, dormem na mesma cama mas se são um rapaz e uma rapariga, dormem em camas separadas. A exiguidade do espaço compele à proximidade física dos elementos do grupo familiar e contribui para o desenvolvimento de diversas fantasias sobre a cena primitiva, um elemento importante para o constrangimento nas relações entre pais e filhos e que se manifestam sob as formas da culpa e da vergonha que orientam o respeito dos filhos pelos pais. As suspeitas e o receio pela mútua visibilidade da intimidade sexual pode conduzir à opção por duas “barracas”, uma para os pais outra para os filhos. O interior da “barraca” é ainda resguardado como espaço onde se guardam os haveres mais valiosos (por exemplo, o dinheiro da venda do melão) além de ser o lugar das intimidades sinalizadas por fortes odores; o cheiro das refeições e os odores corporais misturam-se. É um espaço protegido que não se abre a estranhos ao grupo familiar.

Em princípios dos anos 70 o grupo social dos seareiros torna-se mais heterogéneo.

Os “antigos” vêem chegar “novos” seareiros que são portadores doutra forma de relação com a terra, o capital e o trabalho.

A emergência do seareiro operário e do seareiro pequeno empresário fabril explica-se pelo concurso de vários factores como seja a progressiva acessibilidade dos preços da renda, as mudanças na relação capital - trabalho, o crescente controlo e conseqüente redução dos riscos na actividade agrícola, além das perspectivas de obtenção de rendimentos elevados num curto espaço de tempo em que o trabalho é

marcado pela sazonalidade e pelo facto de ser uma actividade subsidiária mas altamente lucrativa para o agregado familiar. Nos anos 70 a Companhia das Lezírias cede ao arrendamento directo das parcelas que acarreta o abaixamento das rendas, favorecido pela própria produção legislativa de 74 e 75 que apoiava os interesses dos seareiros, designadamente ao diferenciar as rendas consoante a qualidade dos solos. A legalidade revolucionária dos anos da Reforma Agrária chega a permitir o não pagamento da renda quando o rendimento agrícola se considerasse não satisfatório. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico possibilita um maior controlo sobre a exploração e constitui um meio de redução das necessidades de mão de obra para aquelas tarefas que até então exigiam uma força de trabalho intensiva. A substituição do trabalho por capital intensivo, não tendo diminuído substancialmente os custos, diminuiu o esforço e o tempo envolvidos na realização das tarefas. A introdução das máquinas substitui o trabalho humano e animal e revoluciona todo um modo de produção, libertando uma outra face do seareiro. A utilização cada vez maior dos adubos químicos, dos pesticidas e do plástico como estufa assim como o aparecimento de novas espécies de melão veio ultrapassar os processos ancestrais de lidar com a natureza e a vida. O jumento dá lugar ao tractor adquirido em condições que permitem o seu pagamento só no final da seara, o saber lotear os adubos torna-se obsoleto visto que os adubos químicos já vêm loteados da fábrica, a diversidade de pesticidas disponíveis reduz significativamente as grandes pragas das plantas do melão, o recurso ao plástico como estufa possibilita a aceleração do ciclo vegetativo, as novas espécies de melão mostraram-se mais produtivas e resistentes às pragas e a condições climáticas adversas... A conjugação de todas estas transformações, quase em simultâneo, está na génese do “novo” seareiro, quantas vezes filho do antigo mas não seu herdeiro nas lides da terra. De facto, alguns destes “novos” seareiros são filhos dos “antigos” seareiros; abandonaram a agricultura, nomeadamente através da escolarização responsável pela aquisição de novas disposições ou pela assunção de um ofício, mas voltaram a ela em postura completamente distinta.

Num fim de semana soalheiro partem para os campos mas não vão para ficar. Levam com eles os filhos e os assalariados mas voltam no mesmo dia e cumprem escrupulosamente os horários de trabalho nas vinhas.

Empregam um volume de mão de obra que depende, entre outras coisas, da oferta no mercado de trabalho, uma vez que a execução das tarefas num curto espaço

de tempo compensa o investimento no emprego do maior número possível de trabalhadores e equilibra a gestão de recursos.

A média da área da exploração aumentou consideravelmente, pelas razões já apresentados, salientando-se que é possível investir e aumentar os riscos de forma controlada, usufruir dos benefícios da técnica e mesmo amortecer um eventual prejuízo com o rendimento do emprego que lhe permite manter um certo nível de auto consumo.

Durante a semana o homem trabalha no seu ofício como independente ou como empregado. É a mulher que, em muitos casos, acompanha os assalariados, conduzindo-os todos os dias numa carrinha. Assiste-se à feminização da produção do melão. Ao novo seareiro corresponde uma nova mulher habilitada para conduzir a carrinha como para trabalhar com todas as máquinas agrícolas, ou para decidir com autonomia sobre os interesses da exploração. Desempenho vedado a sua mãe em tempos não muito recuados. O trabalho na produção do melão é, como ficou dito, sazonal e, após o seu término, a mulher pode trabalhar esporadicamente nas vindimas, em complementaridade com ofício do marido e para obter o plurirendimento do agregado familiar. Para além destes trabalhos e sobretudo no resto do ano, é doméstica. Não é camponesa como a sua mãe embora trabalhe na agricultura; é reconhecida socialmente como mulher de operário fabril ou de pequeno empresário fabril. Apesar do importante contributo dos lucros da seara para os rendimentos familiares, o homem também não se designa e não é reconhecido como seareiro.

Da “barraca”, representativa que foi de uma casa que se desloca, inteira na afirmação de uma cultura e de uma estrutura de valores e de funções, resta o arcaboço físico que serve apenas como espaço de armazenamento designadamente de alguns utensílios agrícolas. A divisão sexual do trabalho e dos lugares a que outrora deu abrigo, transmutou-se.

As transformações na produção do melão reflectem transformações mais abrangentes e tornam visível a heterogeneidade que caracteriza hoje o grupo destes produtores e a complexidade de relações e de conflitos que se desenvolvem.

**Referências Bibliográficas:**

Garrucho Martins, José Joaquim (1997). *As Bruxas e o Transe, dos Nomes às Práticas*. Estratégias Criativas: Vila Nova de Gaia.

Shanin, Teodor (1979). *Definiendo al campesinado: conceptualizaciones y desconceptualizaciones. Pasado y presente en un debate marxista*, Agricultura y Sociedad. 11, 9-52.

Tchayanov, Alexander V. (1974). *La organización de la unidad económica campesina*. Ediciones Nueva Visión: Buenos Aires.

Tepicht, Jersy (1973). *Marxisme et Agriculture: Le Paysan Polonais*. Armand Colin: Paris.